

ACESSIBILIDADE NO COTIDIANO DE SURDOS DA AMAZÔNIA PARAENSE

Jhenyffe Pantoja Quarema¹
Danrley Ferreira Moraes²

RESUMO

O contexto amazônico é muito diverso. O município de Igarapé-Miri fica localizado no nordeste paraense, sendo uma das cidades que compõe a região tocantina. Possui o título de capital mundial do açaí devido à produção e exportação abundante do fruto (*Euterpe oleracea*) que é base da economia e alimentação dos munícipes. Na cidade citada, encontramos também um número considerável de pessoas surdas que tem a língua de sinais como primeira língua, e como os ouvintes, diariamente frequentam os estabelecimentos de venda de açaí para adquirir o fruto que compõem a alimentação. Nesse sentido, surge a seguinte pergunta de pesquisa: de que maneira ocorre o atendimento de pessoas surdas em estabelecimentos de venda de açaí no município de Igarapé-Miri? Esta pesquisa tem como objetivo geral: Apresentar dados sobre o atendimento de pessoas surdas nos estabelecimentos de venda de açaí no município de Igarapé-Miri como objetivos específicos: enfatizar a importância do aprendizado de Libras; discutir sobre o atendimento a pessoas surdas em outros espaços sociais; destacar por meio de revisão bibliográfica propostas de atendimento a surdos em outros espaços. Esta pesquisa descritiva possui uma abordagem qualitativa, tendo a pesquisa de campo como subtipo de pesquisa. Como técnica de pesquisa e coleta de dados, adotou-se a entrevista semiestruturada e questionário. Para o lócus de pesquisa, foram selecionados 10 estabelecimentos de venda de açaí, de diferentes bairros do município de Igarapé-Miri. Entre os principais resultados observou-se que o atendimento das pessoas surdas ocorre de forma improvisada, por meio de mímica ou sinais caseiros. Além disso, não foi encontrado nenhum tipo de sinalização em Libras para facilitar o atendimento.

Palavras-chave: Acesso, Cultura, Açaí, Rotina, Libras.

INTRODUÇÃO

O município de Igarapé-Miri fica localizado no nordeste paraense, sendo uma das cidades que compõe a região tocantina. Possui o título de “capital mundial do açaí” devido à produção e exportação abundante do fruto (*Euterpe oleracea*) que é base da economia e alimentação dos munícipes. Em vários pontos da cidade, podemos encontrar a venda do fruto que é desejado por crianças, jovens, adultos e idosos.

Na cidade citada, temos entre os moradores um número considerável de pessoas surdas que tem a língua de sinais como primeira língua, e como os ouvintes, diariamente frequentam os estabelecimentos de venda de açaí para adquirir o fruto que compõem a alimentação. Assim como nos espaços de ensino, nos ambientes formais e informais em geral, os surdos enfrentam barreiras comunicacionais.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará - UFPA, jhenyffequaresma@gmail.com;

² Professor Orientador; Mestrando pelo Curso de Pós Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Pará - UEPA, danrleyferreira97@gmail.com.

É perceptível que mesmo em meio a discussão sobre a aquisição da Língua Brasileira de Sinais e políticas de acessibilidade nas instituições de ensino, ainda há dificuldades enfrentadas pela comunidade surda. Nesse sentido, surge a seguinte pergunta de pesquisa: de que maneira ocorre o atendimento de pessoas surdas em estabelecimentos de venda de açaí no município de Igarapé-Miri?

Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo geral: Apresentar dados sobre o atendimento de pessoas surdas nos estabelecimentos de venda de açaí no município de Igarapé-Miri e como objetivos específicos: enfatizar a importância do aprendizado da Libras; discutir sobre o atendimento a pessoas surdas em outros espaços sociais; destacar por meio de revisão bibliográfica propostas de atendimento a surdos em outros espaços.

Essa pesquisa assume relevância social por reiterar uma discussão não tão recente, mas necessária, para apoiar a luta pela conscientização e acessibilidade as pessoas surdas. Ressalta-se que todos os ambientes, além dos espaços formais e informais de ensino devem promover a inclusão, visto que os surdos tem acesso a diversos espaços sociais rotineiramente.

Apresentamos a seguir alguns referenciais teóricos, entre eles Strobel (2018). Em seguida descrevemos a metodologia como uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, tendo a pesquisa de campo como subtipo de pesquisa. Foram selecionados 10 estabelecimentos de venda de açaí, de diferentes bairros do município de Igarapé-Miri.

Entre os principais resultados observou-se que o atendimento das pessoas surdas ocorre de forma improvisada, por meio de mímica ou sinais caseiros. Além disso, não foi encontrado nenhum tipo de sinalização em Libras para facilitar o atendimento. Concluímos então reforçando que ainda há muito a ser feito em prol da acessibilidade de pessoas surdas e demais deficiências, partindo principalmente da sensibilização de todos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa descritiva possui uma abordagem qualitativa que, de acordo com Yin (2016), busca estabelecer conexões com as experiências de vida dos sujeitos, o contexto, o comportamento social e opiniões sobre determinadas temáticas. Apresenta a pesquisa de campo como subtipo de pesquisa, Segundo Gonsalves (2001, p.67),

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Como técnica de pesquisa e coleta de dados, adotou-se o questionário que para Gil (1999, p.128/129) garante facilidade para obtenção de dados, e também:

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores;
- c) garante o anonimato das respostas;
- d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente;
- e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado

O *locus* de pesquisa, foram selecionados 10 estabelecimentos de venda de açaí, de diferentes bairros do município de Igarapé-Miri. O período de coleta de dados ocorreu em novembro de 2022. Com os dados obtidos, foi realizada análise considerando a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2011), que propõe a categorização do conteúdo de falas, mensagens, relatos (quantitativos ou não) que permitam a compreensão de fenômenos e ações.

REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente os surdos sofreram com exclusão em todos os aspectos possíveis, discriminados e excluídos do convívio social, e ainda hoje temos alguns resquícios desta intolerância em nossa sociedade. De acordo com Perlin e Strobel (2008):

Os sujeitos surdos eram rejeitados pela sociedade e posteriormente eram isolados nos asilos para que pudessem ser protegidos, pois não se acreditava que pudessem ter uma educação em função da sua ‘anormalidade’, ou seja, aquela conduta marcada pela intolerância obscura na visão negativa sobre os surdos, viam-nos como ‘anormais’ ou ‘doentes’. (p. 17)

Foram necessários muitos estudos para que se pudessem conhecer a especificidades da pessoa surda, modos e cultura. No ano de 2005, o Artigo 2º do decreto nº 5.626 apresentou que “[...] considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.” (BRASIL, 2005).

Nesse sentido, a Libras por meio da oficialização, surge como um grande elemento para constituir a identidade surda, visto que no princípio os surdos também eram impossibilitados de sinalizar e assim estimulados a oralização. Para Guedes (2010), “o oralismo abrange metodologias que enfocam exclusivamente a oralização dos surdos,

apoiadas na língua majoritária ouvinte, tendo como objetivo primordial o treinamento da fala, como base na leitura labial e no aproveitamento dos resíduos auditivos. (p.15)

Por anos foi imposto aos surdos que a língua portuguesa seria a primeira língua, menosprezando a língua materna da comunidade surda. É importante destacar que a Libras é uma língua visual-espacial que possui gramática própria, estrutura e regras que não devem ser subestimadas. Desse modo, a comunidade surda tem se mobilizado para cobrar e difundir o uso língua de sinais.

Segundo Strobel (2018) “a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (p. 23)”.

Assim o acessibilidade em libras é um caminho para a inclusão de pessoas surda. O Ministério Público do Trabalho (2001, p. 17) define inclusão social como “o processo mais aperfeiçoado da convivência de alguém, tido como diferente, com os demais membros da sociedade, tido como supostamente iguais”. Entretanto, na prática ainda muito a ser feito para que a inclusão possa ser efetivada.

Nesse sentido, destacamos o atendimento de pessoas surdas nos diversos espaços sociais a exemplo de escolas, hospitais, agências bancárias, farmácias, lanchonetes, rodoviárias entre outros. Esses locais também fazem parte da rotina das pessoas surdas, porém em alguns casos os surdos decidem não frequentá-los devido à ausência de acessibilidade mínima. Observa-se que os atendentes, geralmente, buscam fazer mímica ou oralização, e em alguns casos causam constrangimento a comunidade surda quando demonstram despreparo ficando estáticos.

Percebemos então a necessidade de capacitação dos profissionais que trabalham com atendimento ao público, independente da rede. Cursos básicos ou de aperfeiçoamento a língua de sinais são passos importantíssimos, além da sinalização desses espaços ou produtos e serviços oferecidos.

Os hospitais, por exemplo, deveriam ser locais pioneiros nesse tipo de atendimento, visto que são locais essenciais de atendimento, no qual muitos surdos precisam do auxílio de parentes ou conhecidos que possam intermediar o diálogo, no entanto pode haver lacunas no diagnóstico de doenças. Soares et al. (2013) destaca em sua pesquisa que a comunidade surda de Florianópolis/SC, não frequenta espaços culturais por identificar que estes não oferecem o tradutor intérprete para auxílio.

Ressaltamos também a relevância do ensino de Libras nas escolas para que mais pessoas possam fazer a aquisição da língua de sinais, trazendo para a rotina sinais que contribuirão na comunicação com a comunidade surda. Assim como o ensino de línguas estrangeiras como o inglês e o espanhol, a Libras deveria ser bem mais evidenciada visto que é uma língua oficial do país.

A aquisição amenizaria as barreiras comunicacionais. Ferreira (2017), apresenta a utilização de aplicativos de tradução como Hand Talk e o ProDeaf Tradutor para funcionários, podendo interagir com a comunidade surda, além de aprender vários sinais em Libras. Silva (2022) propõe em pesquisa de mestrado a criação do glossário terminológico sobre sinais de trânsito em Libras, utilizando QR Code para facilitar a interação. A ideia surge como auxílio para os surdos que desejam habilitar-se solicitando a carteira nos departamentos de trânsito do Distrito Federal. Apresenta-se como uma proposta muito significativa e de grande relevância social.

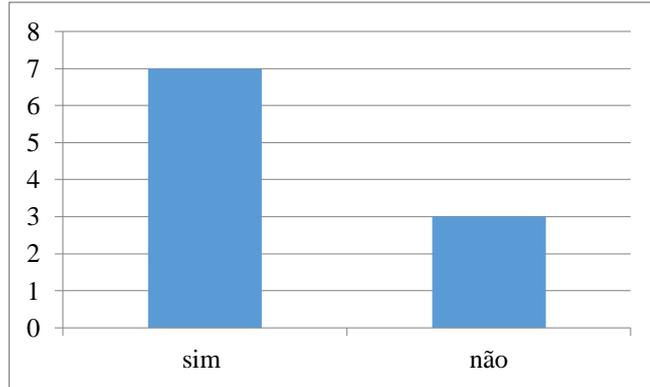
Santos et al (2017) também utilizaram QR Code para promover a acessibilidade no Museu de Ciências Naturais da PUC Minas. Partindo da problemática de que os surdos não frequentavam os espaços pela ausência de acessibilidade, foi proposto a sinalização das peças do museu, associada a vídeo e imagens a fim de serem disponibilizadas em páginas da internet e aplicativos, sem dispensar a presença do profissional tradutor intérprete. A aplicação foi considerada satisfatória e eficaz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da metodologia proposta, foi realizada uma pesquisa no mês de novembro de 2022, o que possibilitou a obtenção de dados sobre a temática. Os dados serão apresentados em 03 categorias de análise com representação em gráficos. No total foram visitados 10 estabelecimentos de diferentes bairros de Igarapé-Miri. Os entrevistados eram atendentes do estabelecimento, no período de pesquisa.

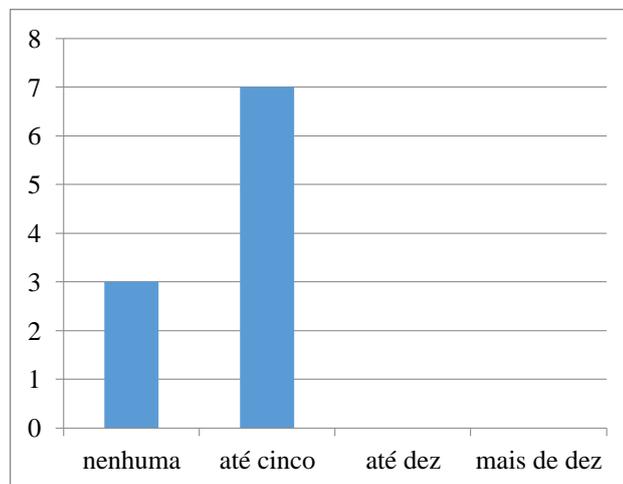
1. Atendimento

Na primeira categoria apresentamos os dados obtidos sobre o atendimento das pessoas surdas nos espaços. Na primeira pergunta do questionário temos: *Você já atendeu alguma pessoa surda no seu estabelecimento?*



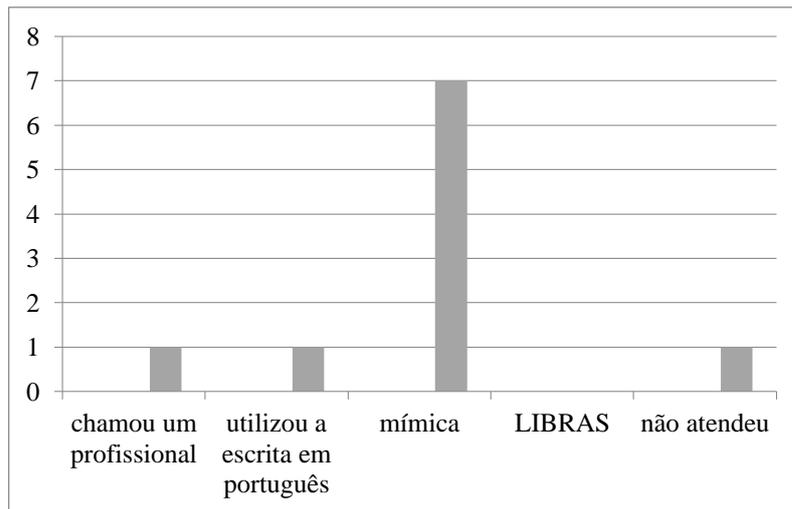
A partir dos dados, identificamos que 70% dos resultados indicam que há atendimento de pessoas surdas nos espaços de venda de açaí. Alguns entrevistados disseram ter sido uma experiência muito difícil por não terem convivido com pessoas surdas, tornando-se uma experiência diferente.

Com relação à periodicidade mensal de atendimento, foi realizada a seguinte pergunta: *Quantas pessoas surdas são atendidas por mês?*



Sete informantes disseram que recebem até 05 pessoas surdas ao mês. Um informante complementou que recebe sempre o mesmo surdo, e outro informante diz que o surdo vai apenas retirar o produto, sendo um ouvinte membro da família que faz a encomenda.

Reportando aos atendentes que já vivenciaram esta experiência dialógica, foi realizada a seguinte pergunta: *Se você já atendeu uma pessoa surda, como foi o primeiro atendimento?*



Aqui podemos perceber que em uma tentativa de comunicação, normalmente, os ouvintes tendem a fazer uso da mímica deduzindo que os surdos fazem sempre utilização de sinais caseiros para comunicar-se. Segundo Boechat (1992), para quem desconhece a Libras a mímica é uma estratégia válida, mas não consegue repassar com eficácia a mensagem que é recebida pelos surdos.

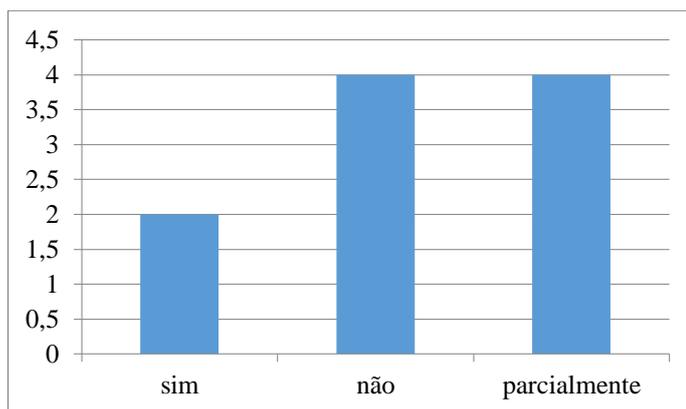
A escrita de em língua portuguesa não é também o mais recomendado, visto que o português como segundo língua ou L2 para surdos sofre modificações, entre elas a flexão dos verbos e a ausência de conectivos como preposições e outros. Somente aqueles que foram estimulados a aprender forçadamente o português, conseguem compreender um pouco frase escrita. De acordo com Santos e Miguel (2019):

No desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se a necessidade do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais, sua importância, sem a presença do mesmo, não há inclusão, pois, não há inclusão sem comunicação e a língua materna dos surdos brasileiros é Libras, o português é a segunda língua (p. 169)

Nesse viés, chamamos a atenção para a resposta apresentada por um entrevistado que afirmou ter chamado um profissional para a realização do atendimento. Em relato, o entrevistado possui o estabelecimento em anexo a residência e possui um membro da família graduado em Letras Líbras. Na oportunidade, este profissional foi quem realizou o atendimento da pessoa surda de maneira eficiente.

2. Conhecimento sobre Libras e os agentes de comunicação

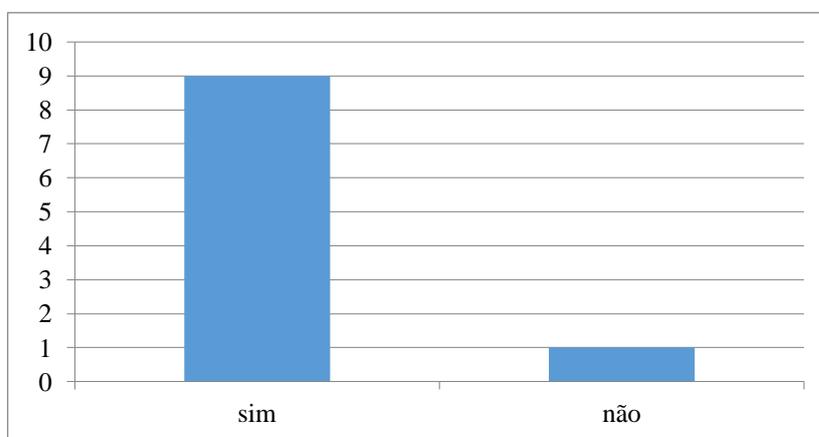
Os informantes responderam a seguinte pergunta: *Você conhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras)?*



O conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais é um ponto chave nesse processo. Embora a Libras não seja novidade, percebemos no gráfico que há a necessidade da expansão desta língua para além dos espaços de ensino. De acordo com Boechat (1992), é comum que em casa, os surdos utilizem sinais caseiros, visto que nem todos os componentes familiares realizam o processo de compreensão e aquisição da Libras.

No cotidiano, pode-se inferir que os atendentes até já tenham ouvido falar sobre a língua de sinais, porém não conhecem na prática os sinais e significados, como vemos que alguns informantes conhecem parcialmente.

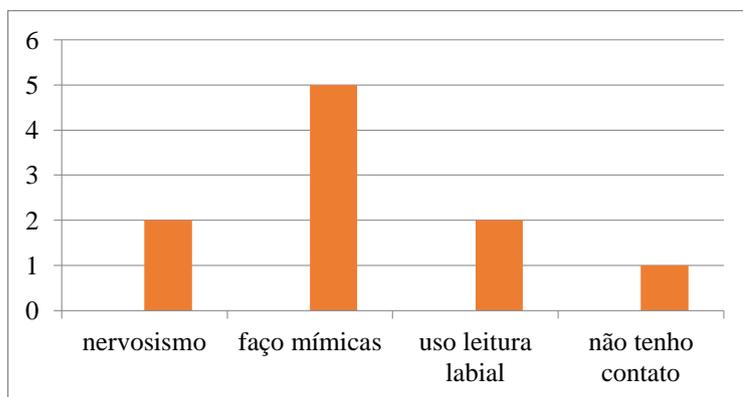
Sobre os profissionais da língua de sinais foi perguntado: *Você tem conhecimento de que hoje existe o profissional intérprete de Libras/Língua Portuguesa, para mediar a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes?*



Apenas um informante afirmou desconhecer a existência desse profissional, o que mostra uma possível popularização desta profissão tão importante não só no meio educacional, como também no mercado de trabalho.

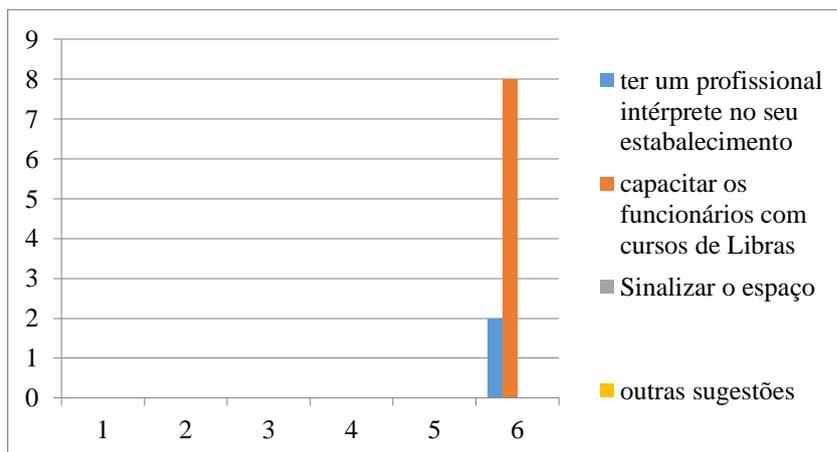
3. Comunicação

Nesta categoria, apresentamos perguntas relacionadas a falhas existentes no processo de comunicação. Entre elas temos: *Qual sua reação quando não consegue se comunicar com uma pessoa surda?*



O nervosismo é um fator perceptível pela comunidade surda, que muitas vezes sente incômodo na comunicação, visto que o nervosismo pode deixar a mão tremula, possibilitando erros na sinalização ou causar falhas na expressão facial que também é um parametro da língua.

O questionário foi finalizado com a seguinte pergunta: Qual seria sua sugestão para melhoria de comunicação com pessoas surdas e ouvintes em seu estabelecimento?



É possível inferir que por falta de conhecimento aprofundado sobre práticas de inclusão, as opções de sinalização e outras sugestões não foram selecionadas pelos entrevistados. Sobre ter um profissional tradutor intérprete no estabelecimento, os informantes que selecionaram esta opção relataram que seria bem interessante ter alguém que conheça a área de estudo, porém devido ser um profissional seria necessário remunera-lo, o que foi comentado pelos informantes que selecionaram a opção de capacitação.



Desse modo, capacitar os atendentes que já atuam nos espaços seria bem mais vantajoso para os proprietários, além de promover mais conhecimentos a eles. Assim, poderá ser promovida uma acessibilidade à comunidade surda, sendo um passo para a inclusão, pois ainda há muito a ser feito. Sassaki (2006, p. 12) ao explicar uma sociedade inclusiva enfatiza que:

Vai bem além de garantir apenas espaços adequados para todos. Ela fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e desvalorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias.

Esta inclusão depende entre os fatores, da família e da escola, duas instituições importantíssimas. A primeira deve reconhecer a surdez desde o princípio e buscar meios de aceitação, participação na comunidade surda a fim de conhecer a cultura. A segunda instituição deve promover de forma integral o ensino da Língua Brasileira de Sinais para surdos e ouvintes como uma necessidade comunicacional, dando importância tanto quanto as demais disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises e observações feitas *in loco*, percebeu-se que o atendimento a pessoas surdas ocorre, em sua maioria, de maneira improvisada, baseando na gesticulação de sinais caseiros e/ou leitura lábil. Entende-se ainda que boa parte dos informantes compreende a necessidade de aperfeiçoar o atendimento.

Reforçamos que é de extrema importância a aquisição da Língua Brasileira de Sinais por todos os ouvintes, seja no âmbito educacional, comercial ou social. É o primeiro passo para uma inclusão verdadeira, no entanto, muito ainda deve ser feito para que esta comunidade possa ser totalmente integrada.

Como proposta para futuros projetos, destacamos a sinalização destes espaços. Devido a Igarapé-Miri ser a capital mundial do açaí, seria bem interessante que todos os espaços pudessem oferecer este serviço.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.]



BOÉCHAT, E. M. Ouvir sob o prisma da estratégia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

BRASIL. Ministério Público do Trabalho (Manual). **A inserção da pessoa portadora de deficiência e do beneficiário reabilitado no mercado de trabalho**. 2001. Disponível em: <http://www.pgt.mpt.gov.br/publicacoes/manual_ppd.pdf>. Acesso em 22 nov. 2014.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 14 jul. 2021.

FERREIRA, Kelly Gomes et al. A hospitalidade aos surdos no setor de serviços públicos, na região central de Itaboraí. 2017.

DOS SANTOS, Aline Carvalho; DE JESUS, Dayane Rafaelle; ROCHA, Cristina Alves Menezes. QR Code e Língua Brasileira de Sinais (Libras): um desafio de acessibilidade e autonomia a visitantes Surdos no Museu de Ciências Naturais da PUC Minas. 2017.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONSALVES, E. P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Alínea, 2001.

YIN, R. K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre (RS): Penso, 2016. 313p.

GUEDES, Betina Silva. **Sobre surdos, bocas e mãos: saberes que constituem o currículo de fonoaudiologia**. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1993>>. Acesso em 18 de abril de 2020.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2008.

SANTOS, Márcia Rejane Oliveira; MIGUEL, Joelson Rodrigues. **A Importância do Tradutor e Intérprete de Libras: Desafios e Inovações/The Importance of the translator and interpreter of Pounds: Challenges and Innovations**. ID on line. Revista de psicologia, v. 13, n. 46, p. 150-171, 2019.

SASSAKI, Romeu K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SILVA, Rogério Feitosa Oliveira A tradução das placas e sinalização do trânsito: proposta de Glossário em libras para condutores surdos. / Rogério Feitosa Oliveira da Silva; orientador Patrícia Tuxi dos Santos. -- Brasília, 2021. 135 p.

SOARES, Maria Helena Alemany et al. A inclusão do surdo nos espaços culturais turísticos de Florianópolis. Revista Virtual de Cultura Surda, v. 11, p. 1-17, 2013.

STROBEL, Karin Lilian. **Projeto de mestrado Surdos: Vestígios Culturais não registrados na História**. Florianópolis: UFSC, 2008.